

Queima das fitas em Coimbra

Preservar tradições académicas

COIMBRA — A queima das fitas, festa maior da Academia e da cidade de Coimbra, atingiu ontem os seus pontos mais altos com a cerimónia de realização do cortejo dos quartanistas.

A cidade mostrava uma ambiência diferente desde as primeiras horas da manhã. Um movimento desusado tornava ainda mais buliçosas as ruas do velho burgo que se iam pejando de forasteiros e antigos estudantes que, agrupados por anos de formatura, reviviam os tempos passados junto ao Mondego.

A massa estudantil, milhares de alunos trajando capa de batina, preparava-se para a festa. Por todos os lados se viam símbolos académicos, incontáveis pastas de onde pendiam fitas nas cores das diversas escolas. Vendedores ambulantes ofereciam de tudo um pouco, desde os apitos aos balões.

Às 14 horas, o largo da feira regurgitava de estudantes, «grelo» ao pescoço uns, cartolados outros. Em palanque erguido no meio da vasta praça chamuscavam-se as fitas estreatas e soltavam-se os largos símbolos da condição de finalista.

Tudo se preparava para a saída do cortejo. Alinhados, carros e 54 carros alegóricos mostravam decorações baseadas em milhares e milhares de flores de papel. A alegria era imensa, tamanho o calor humano.

Finalmente, o cortejo iniciava a sua marcha em direcção à Baixa, bandeira da Associação Académica de Coimbra — este ano a comemorar o seu centenário — bem à frente. Abria-o o carro da Associação dos Antigos Estudantes, enquanto pelos ares troavam os sons dos gaiteiros e dos bombos.

Um mar de gente pejava os passeios. Vagarosamente, os carros sucediam-se. Simples, uns, mais bem arquitectados outros. Com o colorido das Faculdades — azuis, vermelhos, laranja, rosos, amarelos — enquanto a malta berrava «fra!» e entoava cantigas tradicionais. Como a Laurinda ou a Oliveira da Serra. Tudo quanto era pifaro ou corneta era soprado com a força que os «alcoóis» iam alimentando.

Das varandas e janelas suspendiam-se colchas e colgaduras e também muitas capas e pastas. A troca de saudações entre estudantes e a comunidade que via passar a sua academia eram constantes. Com aqueles a oferecerem plaquetes ou um gole



da sua garrá, esta a lançar-lhe ramos de flores. Aqui e além viam-se no ar pétalas, conjetis e serpentinas.

Ultrapassada a Praça da República — onde um júri seleccionava de entre os participantes o carro que há-de ser considerado como o melhor conseguido, o vencedor de uma iniciativa que conta com o prémio Região de Turismo do Centro — o longo cortejo desce a Sã da Bandeira. E era a mesma alegria, a todos, dos que participavam ou assistiam.

Os primeiros carros chegavam, por fim, à Baixa da cidade, onde o ambiente era de particular entusiasmo. A imensa mole humana, que não arredara pé, saudava os estudantes e ria com as irreverentes piadas, plenas de crítica social, à escola, aos mestres, e à política. A chamada piada coimbrã, como

sempre satírica, mantinha-se.

Começava a definhir já a tarde quando o cortejo alcançava o largo da portagem onde os costumes mandam se faça desconcentração vencidos pelo cansaço ou pelos espumosos e cerveja, os estudantes tomam um pouco de recato para retemperar as forças necessárias para o concluir da jornada, que a noite ainda nem sequer tinha nascido.

Entretanto, a enorme multidão, com a felicidade estampada no rosto, iniciava o regresso a casa. A cidade, a região e o país mostravam-se enpenhados em manter vivas e actuaentes, as melhores tradições da secular Academia. A coimbrã imorredoura mantinha-se, afinal.

ANGARIAÇÃO DE FUNDOS

Os alunos finalistas da Universidade de Coimbra percorreram as ruas e os centros de reunião da cidade numa jornada de angariação de fundos a favor da Casa da Infância Elísio de

Moura.

De capa e batina e acompanhados cada um por uma criança daquela instituição, os estudantes trocam miniaturas das pastas que ostentam por donativos que constituem um dos suportes económicos da Casa da Infância.

Os pequenos livros ou «pastas» levam pendentes fitas das cores das Faculdades e são recheados de poemas alusivos à solidariedade humana.

A «venda da pasta» foi introduzida no programa da Queima das Fitas em 1932, desde quando constitui o fulcro do programa do dia do finalista.

A proceder a saída para as ruas desses finalistas mobilizados na jornada de beneficência houve uma manhã infantil no Teatro Académico de Gil Vicente.

JORNADAS

Entretanto, o reitor da Universidade de Coimbra pediu à academia que não perca as tradições que a individualizam «que são invejadas e copiadas por centros universitários que as não possuem». O professor Rui Alarcão, que falava na abertura das Jornadas sobre Tradições Académicas e Canção de Coimbra integradas na Queima das Fitas, opinou que estes festejos devem manter o seu esquema tradicional «sem contudo se fecharem à inovações».

Tradição e inovação não são antagónicos, havendo que articulá-los de modo a obter um correcto ponto de equilíbrio —

afirmou o reitor da Universidade. «A capa e batina, por exemplo, não são trajo que deva usar-se todos os dias mas ao qual se deverá recorrer nos momentos mais solenes ou festivos» — considerou Rui Alarcão.

Como exemplo duma tradição que tem sabido ajustar-se aos tempos actuals citou a canção de Coimbra, «que se mantém até pela capacidade de evolução, mesmo na qualidade das suas letras».

Ainda sobre o fado coimbrão, o estudante João Granja frisou que um dos objectivos das jornadas é «mobilizar todas as estruturas estudantis para a sua defesa, por se tratar dum valor cultural que nos identifica em exclusivo».

Os professores Aníbal de Castro, Alte da Veiga e Teixeira Santos tiveram intervenções no mesmo sentido, defendendo a vantagem de conciliar a tradição e a evolução «sem receio do sentido pejorativo que por vezes é dado às melhores palavras».

«A tradição torna veneráveis os elementos de cultura que se afirmaram como valores e dela só se deve eliminar o que vá ficando desadaptado» — afirmou Aníbal de Castro.

É preciso, contudo, que as tradições se revivifiquem «incorporando valores novos que, com esta dinâmica, se tornam também tradição» — disse o mesmo professor.

Luís Alcoforado, da comissão organizadora das jornadas, salientou que o longo interregno de 11 anos em que se não realizaram os festejos da Queima das Fitas foi «muito corrosivo» das tradições académicas.

Depois de 1978, «fui necessário retomar todos os valores tradicionais e agora estamos a fazer o ponto da situação situando os valores da academia de Coimbra numa perspectiva actual» — explicou Luís Alcoforado.

Outro estudante, João Cunha, sublinhou tratar-se de uma questão de identidade da academia esta de trazer à debate as suas tradições. Nessas tradições tem havido quebras derivadas do que chamou «fenómenos de corrosão permanente».

Table with 31 rows and 1 column, numbered 1 to 31.

Organização estudantil - Queima das Fitas

